

coleção
[a escolha
é minha]

Margarida Fonseca Santos

SER QUEM SOU

Quebra o silêncio e assume a diferença. A vida é tua!

ilustrações de
Danuta Wojciechowska

booksmile

*Ao meu marido Nuno, porque é, e sempre será,
um exemplo para nós, um exemplo de coragem, trabalho e
felicidade. A nossa vida, contigo, com a tua calma
e simplicidade, é muito mais bonita!*

*Aos alunos e professores do Colégio de Campos,
de Vila Nova de Cerveira, e da Escola Básica e Secundária
de Caminha, que com muito carinho trabalharam
os livros desta coleção. Agradeço-vos tanto
as conversas que tivemos.*



Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis, in *Odes*



Vicente

Sou tão parvo...

Quando me vi na casa de campo da tia Luísa, onde já não íamos há mais de cinco anos, achei que ia ter as melhores férias da Páscoa de sempre! Os tios acabinhos de chegar de França, e de onde regressariam de vez no verão, e os nossos primos também — haverá melhor notícia? Quer dizer, o João Pedro entrou na faculdade em França, por isso ainda vai andar entre cá e lá, mas vamos vê-los mais vezes, isso é certo e sabido.

Já não iriam voltar, como nos outros anos, para Lyon em setembro. Viveram ali tanto tempo porque o tio Pedro esteve a fazer um doutoramento numa literatura qualquer, que tem um nome tão esquisito que quem precisa de um doutoramento para

perceber o que é sou eu! Contudo, já o acabou com uma nota fantástica. O meu tio é um perito naquela matéria. A tia Luísa iria retomar o seu trabalho em Portugal aos poucos, e parecia sentir-se superentusiasmada com a mudança. Estava tão contente com isso que até se ofereceu para ficar connosco durante duas semanas. Parecia ser o início de umas férias espetaculares.

Sou tão parvo...

Pintei o cenário ideal. Deve ser por eu ser infantil, como diz o meu primo João Pedro quando nos quer chatear:

— Vicente e Jorge, os miúdos mais infantis em Portugal!

Não me ralo nada com isso. Eu e o Jorge temos muito tempo para crescer, 12 anos é só um bocadinho de uma vida inteira, e muitos planos para concretizar (vários deles bastante infantis, é verdade, mas isso não interessa). Ora o Jorge afina sempre com o irmão e tenta discutir com ele, o que nunca deu grandes resultados. Saímos sempre pior das cenas do que quando fizemos a asneira do dia. O João Pedro já tem 18 e é um génio da escrita em ascensão. Pelo menos é o que eu acho, pois já arrecadou dois prémios literários, um no secundário e outro na faculdade

e em francês. A minha irmã Matilde vê-o como um herói, deve ser por ser rapariga.

Mas eu sou mesmo muito parvo. Não estava preparado para tantas revelações e mudanças, sobretudo em tão pouco tempo. Bastaram quinze dias para pôr as nossas famílias em transe. Quinze dias? Nada disso! Aquilo rebentou logo nos primeiros dias e esticou-se, esticou-se, esticou-se, e só não acabámos todos em esparguete porque não calhou.

Bem, já estou a baralhar tudo. A minha professora de Português também diz que eu tenho «pouca maturidade narrativa», o que se deve perceber bem só de ler estas linhas. Não tenho jeito para contar coisas. Misturo tudo, até me baralho, e depois fica uma treta... O melhor é começar do início, se bem que sei que há montanhas de escritores que andam para trás e para a frente no tempo. Sim, mas como eu não sou escritor, vou contar as coisas arrumadinhas. Preparem-se. E lembrem-se, íamos ficando esticadinhos que nem esparguete...



Assim que pousámos as malas no chão, ouvimos uma barulheira enorme. Era o som das escadas quando

são descidas à pressa, e, logo a seguir, a voz da tia Luísa a implorar, sem qualquer sucesso, que não descessem naquela correria. A porta abriu-se e ali estavam os dois, o João Pedro e o Jorge. Foi uma excitação perfeita! Só depois chegaram os tios.

A tia vinha a limpar as mãos ao avental, o que queria dizer que preparara os nossos pratos preferidos para aquele almoço, o primeiro. Esperava que ela não tivesse mudado para receitas francesas, que, desconfiava eu, não teriam gracinha nenhuma, pois devem ter sempre muito queijo e eu detesto queijo. Mas o cheiro era excelente e fiquei logo com o estômago a dar horas.

Viria a ser um almoço histórico, mas ninguém sabia disso ainda. Penso que nem a própria Matilde e muito menos o João Pedro. Quando digo histórico, quero dizer «o início do tal esticamento do esparguete», já irão perceber.

Até nos chamarem para a refeição, passámos o tempo a fazer as camas e a arrumar a roupa nos armários. Sentia-me a viver um verdadeiro sonho! Durante aqueles cinco anos que os tios passaram em Lyon, nunca tínhamos conseguido fazer aquilo! As férias eram sempre desencontradas (modernices dos franceses) e as de verão raramente eram feitas em

conjunto. Os meus pais adoram fazer praia no norte do país, ou seja, vai-se para a praia apanhar frio, vento e um mar sempre maldisposto.

— A minha camisola, Vicente? E as calças azuis?

As roupas da Matilde nunca cabiam na mala dela, estavam na minha.

— Já pus de lado. Não as quero para nada.

— Ficas neste quarto com o Jorge, certo?

— Sim, a tia diz que vocês já têm idade para estar cada um no seu quarto, em vez de ficarmos irmãos com irmãos.

— Perfeito! Finalmente! Olha lá — perguntou a minha irmã, falando num tom mais baixinho —, não achas o João Pedro triste?

— Triste?! Não reparei. Por que raio havia de estar triste, Matilde?

— Não sei. Pareceu-me, se calhar não é nada.

E a conversa parou ali, porque o Jorge entrou no quarto carregado de lençóis e cobertores, a precisar de apoio antes de os deixar cair. A minha irmã quis ajudar-me a fazer a minha cama, e eu deixei, fingindo não querer, pois nunca a faria tão bem como quando ela dava o seu toque. Mas resmungou todo o tempo, com aquela ladainha:

— Já tens idade para fazer isto sozinho.

E daí? Preferia fazer render o tempo e dormir melhor mais uns meses... Mas não lhe disse nada, claro, senão eu iria ficar, desde aquele segundo, responsável por fazer sempre a cama sozinho. Lá agarrou na roupa dela e saiu, apressada.

— O que se passa com a Matilde?

Naquele instante, era o Jorge a perguntar-me coisas.

— Com a minha irmã? Nada, porquê?

— Não sei, achei-a muito carrancuda.

— Mais do que de costume? — brinquei.

O Jorge riu-se.

— Pois, talvez não.

Matilde

Fechei-me no quarto a fingir que queria fazer a minha cama em paz. Até aí, tudo bem. Não me apetecia grandes conversas com os minorcas logo no momento da chegada. Nunca mais cresciam, não passavam de bebés com ideias parvas sobre tudo e sobre nada. Mas até não eram maus miúdos, não, eram só... irmãos mais novos.

Quando ouvi bater ao de leve na porta, soube logo que não era a mãe a controlar as arrumações, só podia ser o João Pedro.

— Posso?

— Claro! Os putos estão numa excitação. Parecem histéricos!

— Como sempre — brincou o meu primo. — Estás bem? Não gosto nada de te ver assim trombuda. E escusas de disfarçar. Pareces bastante chateada. Estás com algum problema?

Hesitei. Podia contar-lhe tudo, eu sabia que sim. O João Pedro era a pessoa mais fantástica que eu alguma vez conhecera e tínhamos uma cumplicidade de anos e anos. Sentei-me na cama. O peso que se concentrava em cima de mim fez-me ficar sem forças.

— Então, Matilde? Conta lá, já percebi que estás aflita com qualquer coisa, conta lá.

— Não sei o que faça. Não sei mesmo, percebes? Os meus pais vão-se passar, João Pedro, nunca me vão deixar mudar...

— Mudar o quê? Vais pintar o cabelo de verde, é?

Consegui rir-me e dar-lhe um encontrão, porque o João Pedro estava fartinho de saber que só fico assim quando o assunto é sério.

— Desbobina, que daqui a nada estamos afogados em comida.

— Sabes como são os meus pais... Estão sempre a dizer que eu sou excelente a Ciências, que vou ser

uma bióloga extraordinária, ou então uma engenheira fora de série, ou até médica! Eu, que fujo a sete pés do cheiro dos hospitais.

— É mania. Dizem isso há séculos...

— Pois dizem, mas eu não quero! Não quero mesmo, percebes?

— Não queres ir para Ciências?

— Não! E só falta um período para dizer que não quero! Até tenho medo de que me inscrevam numa área diferente da que me interessa. Sonho com isto há tantas noites que até já lhes perdi a conta.

— Ui! Já entendi o drama. Mas os tios seriam incapazes de te inscrever contra a tua vontade... Sossega, Matilde, eles não vão fazer isso.

— Achas? Não sei.

— Acho, são pessoas impecáveis.

— Eu quero seguir Humanidades, estás a ver? Quero ser historiadora, ou antropóloga, quero estudar as pessoas, as sociedades, é isso que me interessa!

— E os teus pais sonharam toda a vida que tu irias para a área deles.

— Nem lhes passa pela cabeça que não seja assim!

— Imagino... No meu caso, essa parte até foi bastante simples.

— O quê?

— Nada, nada. Estava só a dizer que essa parte foi simples, gosto de escrever e o meu pai é um estudioso de Literatura.

Percebi que o meu primo se calava. Soube nesse instante que o momento também era difícil para o João Pedro, mas não me atrevi a indagar nada. Alguma coisa na expressão do rosto me avisou que devia respeitar o silêncio dele.

Agarrei-lhe na mão, e ele fez uma concha para guardar a minha no meio das suas.

— Essa parte foi simples — repetiu, e eu desejei poder ajudá-lo no que quer que fosse, mesmo a quatro anos de distância. Queria muito, mas não fazia ideia do que estaria a preocupá-lo daquela forma.

Um grito despertou-nos. O tio Pedro chamava para o almoço, prometendo que iríamos adorar. Levantámo-nos e fomos até à porta, mas, antes de sairmos, o João Pedro deu-me um beijo no cabelo, e senti que ia precisar de guardar aquela sensação durante muito tempo. Abracei-o. Juntos para o que aí viesse.

Vicente

Que grande banquete. A tia Luísa fez aquele frango no forno que só ela sabe fazer, uma salada de frutas

e um *cheesecake* de limão, que desapareceram num instante. Quando trouxe para a mesa o bolo de maçã, gememos só de o ver: ninguém iria ser capaz de comer mais nada. Ficou combinado guardar-se o bolo para o lanche, se alguém tivesse fome depois daquele almoço. Eu sentia que ia passar o resto do dia sem comer!

Os adultos começaram a tomar café, enquanto a conversa ia avançando com as novidades de todos. O tio Pedro é irmão da minha mãe, mas são tão opostos que até se podia julgar que eram de famílias diferentes. Só conseguem ser iguais numa ruga que lhes divide a testa ao meio quando há problemas, só nisso. E, na verdade, ninguém gosta de ver aquelas rugas.

— Estamos muito vaidosos com estes nossos filhos — dizia a tia, enquanto o tio, a sorrir, concordava. — E o João Pedro entrou na faculdade com imensa facilidade, até parece que nasceu francês.

— Vá, mãe, não sejas exageradinha — pediu o meu primo, um pouco corado.

— Pois, nós também não nos podemos queixar, os miúdos são muito bons alunos — afirmou a nossa mãe, orgulhosa de nós. — O Vicente tem sido um aluno muito cumpridor — o que queria dizer que, embora sem ter grandes notas, me portava dentro dos parâmetros dos meus pais —, e a Matilde

vai agora para Ciências, claro, área de que ela gosta muito.

Adivinhei logo que vinha lá coisa séria, porque a Matilde fez assim um gesto a afastar o cabelo que é sempre mau sinal.

— Não vou, não — arriscou a minha irmã, deixando-nos suspensos. — Eu não quero ir para Ciências, vou para Humanidades.

A voz falhou-lhe um pouco, mas todos puderam ouvir a afirmação e sentir a convicção com que a Matilde a disse.

— O quê? — gritou o meu pai, fora de si, largando o guardanapo com espalhafato. — Desde quando?

— Desde sempre. Vocês é que nunca me perguntaram o que eu quero ser.

A tal ruga apareceu logo na testa da minha mãe. Caldo entornado...

— Mais vais perder tempo com essas coisas?
— A mãe nem se deve ter lembrado de que o nosso tio Pedro estuda muito a sério Literatura, e a ruga apareceu logo na testa do tio. Dois caldos entornados.
— Tu és brilhante a Ciências!

— Que disparate, mãe! Até tenho melhores notas a Português! Vocês é que olham para tudo a pensar em Ciências.

— Nem pensar — rematou o meu pai. — Nem pensar! Olha que esta... Isso é um disparate, Matilde, um dis-pa-ra-te.

— Mas é o que eu quero!

— Nem pensar! Tem juízo, Matilde, era só o que faltava. Nem pensar!

A Matilde levantou-se a chorar, e o João Pedro foi atrás dela. Eu e o Jorge ficámos sem saber se devíamos sair da mesa ou ficar, mas levámos tanto tempo a decidir que ainda tivemos de ouvir mais um pouco da discussão dos adultos.

— Esqueces-te que as Humanidades são uma área do conhecimento tão válida como as Ciências, Teresa, nem te estou a reconhecer — disse o tio Pedro.

— Oh...

A minha mãe adora fazer isto: encolhe os ombros e desvia o olhar. Mas o tio Pedro não a deixou em paz:

— Não querem que a Matilde siga a área que mais a apaixonava? Mas que ideia tão retrógrada! Então e eu? Não faço nada de jeito?

— Não digas parvoíces — interrompeu a minha mãe, sem olhar para o irmão e sem fazer grande sentido, pois ele era mesmo um especialista naquela tal coisa com um nome terrível.

— É tão importante estudar o que se gosta — lembrou a tia Luísa, com doçura. — Imaginem que vos tinham obrigado a seguir uma área que não queriam!

— Sei muito bem do que falo — disse o meu pai, bastante zangado. Ficara verdadeiramente transtornado com aquilo. — Ainda hoje agradeço ao meu pai ter-me forçado a seguir Ciências.

— Como podes dizer isso?! — indignou-se a minha tia. — Que raio de razão é essa? Como fizeram isso contigo, fazes o mesmo com a tua filha? Que raios... Estás a vingar-te?!

— Que tolice, Luísa, tem juízo. Queria ver-vos na nossa posição...

Olhei para o Jorge e concordámos que era a nossa deixa para sair da mesa e da sala. Iam ficar os quatro a ruminar naquilo. Fugimos depressa, sem sequer pedir licença para nos levantarmos. Ninguém ligou. No jardim, debaixo do pinheiro, a Matilde chorava e o João Pedro tentava, sem conseguir, sossegá-la. Restava-nos agarrar nas bicicletas e dar uma volta. Não adiantava ficar perto daqueles seis.

Agora que conto isto, percebo que fomos um pouco cobardes, mas estávamos tão atarantados que não conseguimos fazer melhor. Pedalámos até ficar sem fôlego.

Matilde

Fechei-me no quarto o resto daquela tarde. O João Pedro tentou animar-me, mas podia jurar que também estava chocado com a reação dos meus pais. Fez tudo para me alegrar, mas eu precisava de estar sozinha. Pedi-lhe desculpa, tinha de me recolher.

De repente, aqueles dias, que prometiam poder ser muito bons, estavam a começar muito mal. Nem eu pensara que teria de fazer rebentar aquela bomba logo no primeiro momento. Mas não podia deixar que a conversa avançasse. Fora a minha deixa, vi a oportunidade e agarrei-a. Senti que era naquele momento ou nunca. Se calhar, se não o tivesse feito, iria perder a coragem de o fazer depois.

Soube-me bem que os meus tios se pusessem do meu lado, assim como o João Pedro, mas não me parecia que conseguissem levar os meus pais a ceder. Estive sempre à espera que um deles, ou ambos, me viessem sossegar ou tentar ajudar a pensar, uma destas hipóteses. Mas não, não apareceram, ninguém bateu à porta, nada. Encaravam a minha atitude como uma birra. E isso era o que eu mais temia.

A tia Luísa veio ter comigo com um chá de limão, pois somos as únicas que gostamos, e uma fatia de bolo. Eram quase 7 horas da tarde.

— Continuam todos zangados?

A minha tia sorriu e fez um gesto com a mão que queria dizer «mais ou menos».

— Foi uma reação repentina, eles depois caem em si e percebem a tua escolha. Tens de lhes dar tempo.

— Que tempo, tia? Não vês que já estou mesmo no fim do ano? E se eles me inscrevem em Ciências?

— Os teus pais não te iam fazer uma coisa dessas!

— Não ouviste o meu pai? Que até agradecia ao pai dele? Ouvi enquanto subia as escadas. Foi o que o meu avô fez com ele. Sempre nos contou isso como se tivesse sido horrível, mas agora acha que sou eu que preciso do mesmo tratamento. O avô foi inscrevê-lo no outro curso e não deixou que ele fosse para Direito, podem muito bem repetir a cena.

— O teu pai nunca nos contou isso...

— Pois não, e isso ainda me assusta mais. Porque se foi lembrar agora, tia, porquê? Não achas esquisito?

Gosto muito da minha tia. É muito corajosa. Largou as aulas de dança que dava em Portugal, fechou o estúdio, agarrou nos filhos e foi para Lyon. Também deu aulas por lá, mas nada que se comparasse ao ritmo de trabalho de cá. Quis acompanhar os filhos na escola. Bem precisaram! Acabávamos por saber falar mais Inglês do que Francês, mas, se os meus primos

aguentaram a mudança, acho que foi graças à tia Luísa. O João Pedro até entrou na faculdade em Lyon sem vacilar!

Custava-me um pouco que a tia não me dissesse mais nada. Estaria tão chocada quanto eu?

— O que é que eu faço, tia?

As suas costas endireitaram-se e pude ver uma convicção, daquelas fortes, a chegar.

— Manténs a tua ideia e não desistes. Já decidiste e, pelo que conheço de ti, pensaste muito antes de o fazer. Se é Humanidades que queres, é isso que se-gues.

— Vou desiludi-los, tia...

— Não te preocupes com isso. Se formos por essa perspetiva, eles também te desiludiram um pouco hoje, não foi? Se calhar, nem devíamos dizer que se trata de uma desilusão, é só um confronto de ideias. O que nós pudermos fazer, faremos, conta connosco.

Deixou-me com o chá e a fatia do bolo, que só comi a altas horas da madrugada, pois o sono não me quis visitar. Lembrei-me de uma frase que li num livro de Valter Hugo Mãe: «Esperaram pelo sono para se mudarem para o dia seguinte.» Uma frase linda... Mas eu não sabia bem se queria mudar-me para o dia seguinte. E se fosse ainda pior?

Jantámos todos juntos, mas em silêncio, num ambiente completamente oposto ao da nossa chegada. Falou-se do Governo e da situação económica, mas todos sabiam que estavam a fazer conversa de circunstância. Sentia-me tão mal. Tinha estragado as férias aos oito, pelo menos era isso que sentia. Mas não podia adiar mais. Precisava de desabafar, de expor as minhas ideias, precisava de falar naquilo. Precisava de ter a certeza de que podia seguir a minha vontade.

Afinal, não era só eu com coisas para contar. Nessa noite, eu ainda achava que tinha um grande problema para resolver. Sentia-me a pessoa mais infeliz do mundo. Estava enganada. Havia dois problemas em cima da mesa, dois, e o meu era, apesar de tudo, um pouco mais simples.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que carinho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tais como tu.

Esta história, *Ser Quem Sou*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

Aquelas férias, em que os primos iam estar todos juntos — a Matilde, o João Pedro, o Jorge e o Vicente —, prometiam ser divertidas e fantásticas.

De repente, a discussão instala-se em redor da Matilde e dos seus pais, que a querem forçar a escolher um curso do Secundário que não lhe interessa. E esta não é a única prima com problemas por desvendar e por resolver. Também o João Pedro receia a reação dos seus pais quando lhes revelar a sua orientação sexual.

Ainda assim, aquelas serão as melhores férias de sempre, porque, entre discussões, partilhas e cumplicidades, cada um tem a coragem de assumir ser quem é, e abertura para aceitar as diferenças uns dos outros.

Lê os outros
títulos desta
coleção:



booksmile
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-483-7

11+



9 789897 074837

Literatura Juvenil